

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

INVESTIMENTOS

É HORA DE ESPANTAR OS ELEFANTES BRANCOS

Anunciado no mês passado, com repercussão até discreta diante de sua importância para a cidade, um empreendimento imobiliário na Zona Portuária tem tudo para se transformar num marco na retomada do crescimento do Rio de Janeiro. Trata-se da intenção de uma grande incorporadora carioca de construir mais de 1.200 apartamentos na Praça Marechal Hermes, no Santo Cristo. Será o primeiro projeto residencial na área do Porto Maravilha — o plano de revitalização da Zona Portuária concebido na passagem anterior de Eduardo Paes pela prefeitura.

Por escassez de dinheiro, por falta de iniciativa dos responsáveis por dar continuidade ao que estava planejado e pela inércia absoluta de órgãos que poderiam ter levado a ideia adiante, o projeto parou e chegou a dar a impressão de que seria definitivamente sepultado. E que o Porto Maravilha se transformaria em mais um dos elefantes brancos que incomodam muita gente do Rio. A esperança, agora, é que ele volte a andar com esse novo empreendimento.

O empreendimento imobiliário contará, depois de concluído, com três torres residenciais de 19 andares cada. Alguns dos apartamentos serão valorizados pela vista imponente da Ponte Rio-Niterói sobre a Baía de Guanabara. Além dos milhares de empregos que serão gerados durante a construção — o que já seria uma excelente notícia — o que importa, neste caso, é o significado da iniciativa.

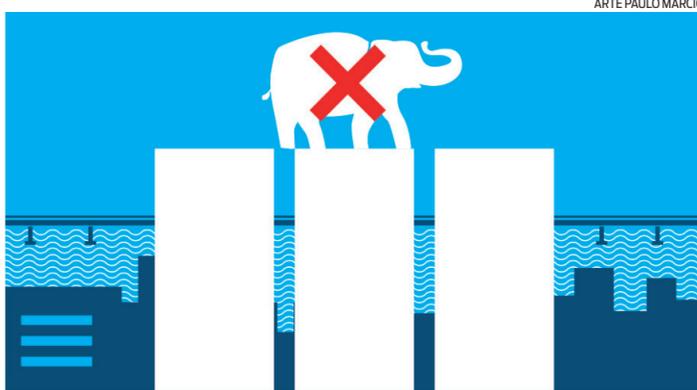
A intenção é criar condições para que um grande número de pessoas more, trabalhe, estude e se divirta na mesma região. Isso reduziria a pressão sobre o transporte público e contribuiria para

desafogar o trânsito da cidade. Assim, pelo menos na teoria, a cidade inteira sairia ganhando. De acordo com os cálculos da Prefeitura do Rio, a população da região portuária é, atualmente, de 30 mil moradores. A ideia, com os imóveis residenciais no Porto Maravilha, é elevar essa população para 400 mil pessoas. Isso completaria o círculo que se iniciou com os equipamentos de lazer e cultura que transformaram o Porto Maravilha num dos espaços mais visitados da cidade.

OBSTÁCULOS INTRANSPONÍVEIS

Os 1.200 apartamentos distribuídos pelas três torres do empreendimento que terá início em maio abrigarão, quando todos os imóveis estiverem prontos, uma população de 5 mil a 6 mil pessoas. Serão necessários, numa conta rasteira, pelo menos mais 200 edifícios e 80 mil unidades mais ou menos do mesmo padrão para abrigar os 400 mil moradores esperados. A primeira pergunta a ser feita é: haverá capital disponível e empresas interessadas em levar essas obras adiante?

A princípio, sim. Mesmo com toda a crise econômica e financeira que o



Brasil tem vivido nos últimos anos, a paralisia das obras do Porto Maravilha não se deveu, a princípio, à falta de investidores brasileiros ou estrangeiros interessados em trazer dinheiro para o Rio. O problema é que, muitas vezes, perdem o interesse e recuam depois de conhecer as exigências feitas pela Caixa — que detém os direitos de construção na área — para liberar as construções.

A redução das exigências burocráticas seria um passo importante para atrair os investidores. Outra seria convencer o Tribunal de Contas da União (TCU) a buscar soluções para os obstáculos que existem — ao invés de continuar a se esforçar para torná-los ainda mais intransponíveis. Uma solução para isso seria a criação de uma força tarefa destinada a analisar todos os problemas que deram origem a elefantes brancos como o Porto Maravilha e encontrar a solução para cada um deles.

Essa força tarefa seria composta por representantes dos Três Poderes nos três níveis de governo, por representantes dos tribunais de contas

municipal, estadual e da União, da Caixa e de todos os órgãos onde possa haver algo que impeça a solução do problema. Atenção: ninguém aqui está em busca de privilégios — mas apenas de política que leve em conta as necessidades do Rio e a importância de encontrar solução.

Para que nada saia errado e para que a iniciativa possa seguir em frente, alguns cuidados precisam ser tomados. O primeiro é afastar de antemão toda e qualquer suspeita de irregularidade ou de favorecimento a qualquer tipo de interesse. Transparência, nesta hora, é tão importante quanto a agilidade!

OUTROS ELEFANTES

O Porto Maravilha não é o único elefante branco que sobrevive na cidade. Na região da Barra da Tijuca, o Parque Olímpico é outro equipamento que não conseguiu atender o propósito para o qual foi criado e que também poderia ser transformado em símbolo da revitalização. Construído ao custo de R\$ 2 bilhões em valores da época,

o equipamento foi bancado com recursos públicos e se transformou numa fonte inesgotável de problemas desde o encerramento das competições.

A suspeita é a de que o parque tenha se transformado numa área de influência das milícias que atuam na Zona Oeste e que isso venha dificultando uma saída para o problema. A ideia inicial era que a iniciativa privada assumisse os equipamentos e transformasse o local num espaço de lazer e num centro esportivo que ajudasse a manter vivo o espírito dos Jogos.

Também haveria ali um complexo educacional com pelo me-

“Menos burocracia seria importante para atrair investidores”

nos quatro escolas públicas para os moradores da região. Depois dos Jogos Olímpicos, no entanto, o espaço não se firmou nem como uma coisa nem como outra — e deteriora a olhos vistos, sem justificar o dinheiro gasto na sua construção.

Encontrar um destino para o Parque Olímpico e dinamizar o uso da Cidade das Artes como um centro cultural dinâmico, assim como por o Porto Maravilha para andar, são passos importantes para afastar a ideia de que, no Rio de Janeiro, os projetos começam como promessa de solução e sempre acabam como um poço de problemas. A ocupação desses espaços, além de seu incrível potencial de gerar empregos de qualidade, são uma maneira de mostrar respeito à população do Rio. E de fazer a cidade voltar a seu lugar de destaque, de onde nunca deveria ter saído.

(Siga os comentários de Nuno Vasconcellos no twitter e no instagram: @nuno_vccls)

OPINIÃO

Folhas de abril



Gabriel Chalita
professor e escritor

As folhas de abril já se foram. Inclusive, algumas das árvores que vejo enquanto escrevo. Caem uma a uma. As folhas do calendário, inventado por mente humana, também. Abril não esperou mais do que o esperado. Encerrei abril, fazendo aniversário. Acordei, antes do dia, e cambaleei tateando lembranças.

É de minha mãe que mais sinto falta. No abril passado, ela era presente. Dei, em pedaços, bolo grande que ganhei. Da cama de hospital, sorriu inteira. E contou, com a voz já ensaiando despedidas, os lindos abris que vivemos.

Lembramos de meu pai que, há muito, já não nos abraçava nos

aniversários, a não ser dentro de nós, nos aconchegos da lembrança. Enfermeiras ouviam em atenção. Um filho alimentando sua mãe que o alimentou sem pausas, em todo o seu existir. E se foi abril. E permaneceu a consciência de que, em nenhum outro abril, teria a minha mãe como antes.

As folhas caem e forram os chãos da memória. O vento leva quem amamos. As raízes permanecem. O cordão umbilical que une terra e firmeza não se desfaz. A seiva de amor percorre as veias dos sentimentos e nutre de vida a vida que ainda há.

Sou um com minha mãe onde quer que ela esteja. Sou um com as folhas que já estiveram em mim e que foram partindo. Sou um com os dias de ontem que ergueram o hoje que prosseguirá erguendo, enquanto houver amanhã. Sou um com os olhos que me permitem ver a árvore que vejo, enquanto escrevo, e sou um com os mistérios que só vejo com o espírito

aberto ao não tentar compreender.

Sou razão, gosto dos argumentos e das peneiras que me emprestam discernimento para elaborar antes de concluir. Sou silêncio, crente de que, além da razão, moram mundos inteiros que desconheço, que sequer posso ver, porque há entre nós uma

“As folhas de abril já se foram, os meus pensamentos permanecem”

cortina costurada na imensidão que se chama mistério.

Onde moram, hoje, minha mãe e meu pai? Onde moram os meus irmãos que, prematuramente, se foram? Onde moram as folhas que me enfeitaram por tempos e que os ventos decidiram levar? Como saber? Se

a razão tentar racionalizar, despedaça-se em pedaços caídos da árvore que não vejo. Só sei que os sinto em mim. E, se os sinto, é porque eles cabem em mim. Cabem na parte inteira de mim que não conheço.

Estão vivos, eu sei! Como sei? Não sei. Só sei que sei. E que sei, porque há seiva que transcende o que há em mim e que, ao mesmo tempo, há em mim, e que ao não me explicar me explica que é lindo, mesmo sem saber. As folhas que voam das árvores de abril e dos outros meses não se perdem, não deixam de existir. Voam os voos elevados dos que rompem invernos e acedem primaveras em tempos e espaços encantados.

As religiões trazem lâmpadas para que possamos enxergar com a alma. A minha foi enroscada no bocal da fé, desde os tempos em que corria despreocupado ao redor da árvore e arriscava apanhar fruto para alimentar de alegria a vida. Os pensamentos eram puros como quem de nada desconfia. Só conhecia a cicatrização dos joelhos e mãos raladas por descuido infantil.

Hoje é minha alma que dói. E alma dói? Dói. Dói da tristeza das

ausências. Dói das decepções dos ausentes de sentimentos. Dói do tempo fugidio incapaz de permanecer. Dor de alma também tem seiva alimentadora, fortalecedora.

Um aniversário é um ritual de agradecimento. A vida prossegue vencendo. Vagarosa e plena. Ou apressada e também plena. Plena como a árvore que recebe chuva e calma, silêncio e barulho de revoadas. Plena como cada dia do calendário tem que ser. O abril que se foi, não se foi. Vive em mim.

Agora, é maio. Daqui a pouco, vou chorar o dia das mães sem mãe. Eu tenho mãe. Preciso me lembrar disso. No mistério que mora fora e dentro de mim, eu tenho mãe. O colo não tenho, é fato.

Colo nessa imagem, de um dia nem frio nem quente, em que o vento perturba pouco a árvore, em que passarinhos, que não pensam o que eu penso, cantam para cumprir o seu estar no mundo. As flores, também, se abrem sem pensar. Quisera eu apenas cantar ou me abrir para enfeitar de generosidade o mundo... As folhas de abril já se foram, meus pensamentos permanecem.

O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

PRESIDENTE

Alexandre Rodrigues

EDITOR-EXECUTIVO

Bruno Ferreira

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Paulo Ricardo Moreira

EDITORES-ASSISTENTES

Max Leone e Ana Carla Gomes

DESIGNERS

Amaro Prado,
Amaro Prado Junior,
Celso Reis,
Marcela Musse e Thiago Ladeira

INFOGRAFISTAS

Francisco Silva e
Paulo Márcio Esper

DEPARTAMENTOS:

Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br.
Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.
Fax Diretoria: 2507-1038.

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica. **Gerência Industrial:** 3891-6002.
Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005.

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313.
Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoes@odia.com.br
Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388.

Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.

Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.

Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).